

Estilos de Pensar e Criar na Região Autónoma da Madeira

Thinking and Creating Styles on Autonomous Region of Madeira

SORAIA GARCÊS¹, MARGARIDA POCINHO²,
SOLANGE MUGLIA WECHSLER³, SAUL NEVES DE JESUS⁴

RESUMO

Os estilos de pensar e criar referem-se ao modo preferido de se expressar criatividade. Esta investigação procurou aferir a escala de estilos de pensar e criar (Wechsler, 2006) para a população adulta portuguesa. A amostra foi composta por 331 sujeitos, com idades variando entre os 18 e os 61 anos (M=28). A análise da sua precisão indicou um alfa de Cronbach de 0,91. Da análise fatorial surgiram 4 fatores: o inconformista/transformador, o emocional/intuitivo, o relacional/divergente e o lógico/objectivo. Verificou-se a existência de uma correlação positiva e significativa entre todos os fatores. A análise da variável género revelou apenas diferenças significativas para o fator lógico/objectivo, com valores superiores para o género masculino. No caso da classe

1 Doutoranda pela Universidade da Madeira, soraia garces@gmail.com

2 Professora com Agregação da Universidade da Madeira, mpocinho@uma.pt

3 Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, wechsler@lexxa.com.br

4 Professor Catedrático da Universidade do Algarve, snjesus@ualg.pt

etária encontraram-se diferenças significativas para todos os fatores, onde os indivíduos com idade superior ou igual a 25 anos foram aqueles com médias mais elevadas. Salienta-se a necessidade de continuar este estudo.

Palabras Claves: TDAH – Funciones Ejecutivas - niños.

ABSTRACT

Thinking and creating styles refer to the way each individual expresses his or her creativity. The purpose of this study was to investigate the validity of the scale of Thinking and Creative Styles (Wechsler, 2006) to the Portuguese population. The sample was composed of 331 individuals, ages ranging from 18 to 61 years ($M=28$). The reliability of the scale revealed a Cronbach's alpha of 0,91 and four factors emerge: the non-conforming/transformer, the emotional/intuitive, the relational/divergent and the logical/objective. All factors are significantly and positively related. The analyses to the gender variable showed only one significant result concerning the logical/objective factor, where men showed higher means but the analyses to age group showed the existence of significant differences to all factors, where individuals with age 25 and above revealed higher scores. We emphasized the need to further continue these studies.

Key Words: Creativity; Styles, Validity; Gender; Age

INTRODUÇÃO

A criatividade tem sido ao longo dos tempos, um tópico muito investigado pela comunidade científica, mas que simultaneamente levanta muitas questões (Elisondo, Donolo & Berná,

2009). A própria História tem tomado um papel importante ao se evidenciam o surgimento de mentes criadoras de ideias consideradas geniais e brilhantes, desde Leonardo da Vinci, a Mozart e a Einstein, entre muitos outros que tomaram e, tomam, um papel preponderante na história da Humanidade (Cramond, 2008).

Esta capacidade do ser humano tem intrigado desde muito cedo

investigadores e muitas teorias têm surgido, com o “simples” objetivo de desvendar os meandros da criatividade (Alencar & Fleith, 2003; Collins & Amabile, 2009; Prieto, 2006; Runco, 2004; Wechsler, 2008; Wechsler & Nakano, 2002). Contudo, a complexidade inerente a este constructo tem-se evidenciado nas mais diversas e díspares teorias que a tentam explicar, mencionando Cramond (2008) que nenhuma destas consegue explicar no seu todo, o que é ou como se desenvolve a criatividade, referindo Romo (2008) que esta complexidade é fruto de uma “teia” de processos que envolvem este constructo, desde processos cognitivos a processos motivacionais e emocionais. No entanto abordar esta temática é de suma importância, pois “num mundo caracterizado pela globalização, rápidas transformações, alta competitividade e renovação contínua de ideias, produtos e tecnologia, é essencial investir no talento e no potencial criativo” (Fleith, Almeida, Alencar & Miranda, 2010, p.87).

Nesta linha de raciocínio, as pesquisas ao redor deste tema têm diferido por diversos campos, onde a procura de conhecer o modo preferencial, utilizado por cada indivíduo, para criar, tem interessado alguns estudiosos que se dedicam a este estudo, focando-se este interesse no conhecer e compreender os estilos de pensar e criar que se manifestam idiossincraticamente.

Numa revisão da literatura, observamos que o estudo dos estilos não é novo. Este é um constructo que tem sido amplamente investigado e relatado, no entanto, as pesquisas têm enveredado por diferentes áreas como os estilos cognitivos, os estilos de personalidade, os estilos de vínculo, os estilos de aprendizagem e os estilos criativos (Dunn, Dunn & Price, 1984; Garcia, 2007; Hayslip, 1994; Messick, 1984; Millon, 1994; Sternberg, 2006; Witkins, 1964), na qual o estudo dos estilos de pensar e criar vem formar um novo campo de pesquisa, quando tratamos de estilos.

Num modelo teórico de criatividade, Wechsler (2006) aponta que estes estilos são resultado de uma interação entre cognição e personalidade, onde a presença de um ambiente auxiliador e apoiante permitirá que cada indivíduo, pelo uso da sua forma preferencial de agir e criar, obtenha uma autorrealização pessoal. Na procura de uma definição, verificamos que os estilos de pensar e criar podem ser definidos como a forma preferencial que cada um de nós utiliza para se expressar criativamente (Wechsler, 2007). Esta teoria permite então encontrar uma ligação entre o pensar e o sentir, sendo que a expressão da criatividade será fruto de um conjunto vasto de ligações, tomando parte tanto as habilidades cognitivas do sujeito, como também as vivências intrinsecamente relacionadas a si e ao

mundo que o rodeia.

Nos estudos brasileiros foram apontados cinco estilos de pensar e criar relacionados com a produção criativa reconhecida dos indivíduos, que foram nomeados Cauteloso-Reflexivo, Inconformista-Transformador, Emocional-Intuitivo, Relacional-Divergente, Lógico Objetivo (Wechsler, 2006). O estilo Cauteloso/Reflexivo aponta para sujeitos que optam por uma maior prudência e reflexão e tendem a evitar o improviso; o Inconformista/Transformador reflete um indivíduo dinâmico, inquisitivo e idealista; o Emocional/Intuitivo aponta para uma pessoa que se apoia nas emoções, intuições e na sua subjetividade na tomada de decisões; o estilo Relacional/divergente, encara um indivíduo com quem é fácil trabalhar, que tenta incluir e conciliar as distintas opiniões dos diversos indivíduos; por último, o estilo Lógico/Objetivo expõe um sujeito racional e pragmático, com uma preferência por atividades estruturadas (Wechsler, 2006, 2009a).

Num estudo realizado por Mundim e Wechsler (2007) onde se objetivou observar os estilos de pensar e criar em gerentes e subordinados do campo organizacional, e que compreendeu uma amostra de 76 indivíduos, alguns em posições de chefia e outros em funções subordinadas, revelou diferenças entre gêneros, nas quais as mulheres em cargos de chefia demonstraram resul-

tados superiores no estilo sensibilidade interna e externa (Mundim & Wechsler, 2007). Por sua vez, a interação entre idade e gênero na predominância destes diferentes tipos de estilos foi constada (Wechsler, 2009a), sendo as mulheres mais cautelosas-reflexivas do que os homens na idade de 17-24 anos, não existindo diferenças significativas neste estilo após esta idade. Em outros estudos com estudantes universitários de diferentes áreas (Nakano, Santos, Zavarize, Wechsler & Martins, 2010), houve também influência significativa na interação entre gênero e tipo de área de estudo escolhida, no estilo Relacional-Divergente, preponderante para homens em cursos de Administração. Existem também relações significativas entre estilos de pensar e criar com a motivação para aprender (Siqueira & Wechsler, 2009). Por sua vez, Wechsler (2009b) ressaltou como os estilos de pensar e criar podem facilitar a compreensão da liderança na formação de equipas de trabalho. Tais resultados demonstram a importância da investigação dos estilos de pensar e criar entre culturas, a fim de compreender, de modo mais amplo, as diferentes maneiras de expressar criatividade.

Com efeito, a possibilidade de conhecer quais os estilos que cada indivíduo utiliza preferencialmente para se expressar, toma um papel preponderante, pois este conhecimento poderá permitir ir mais longe e ser uma infor-

mação preciosa, quando numa óptica de orientação vocacional e selecção profissional, no sentido em que permitirá conhecer quais as áreas fortes e menos fortes de cada indivíduo e desta forma encontrar sujeitos com capacidades específicas para dados campos profissionais (Wechsler, 2006).

Consequentemente, no Brasil, foi elaborada, desenvolvida e validada, numa amostra de estudantes com segundo grau completo, curso universitário completo e pós-graduação (Wechsler, 2006), a Escala Estilos de Pensar e Criar, com este objetivo, ou seja, ser uma ferramenta que permita conhecer estes estilos e como tal contribuir para um conhecimento mais profundo dos sujeitos e desvendar as suas potencialidades criativas (Wechsler, 2006).

Dada a evidente importância e a inovação que esta escala apresenta, pretendeu-se iniciar o processo de adaptação e validação da mesma à realidade portuguesa, visto não haver nenhum instrumento em Portugal para avaliar a personalidade criativa, nomeadamente na relação com os estilos de pensamento que os sujeitos podem utilizar no processo criativo.

MÉTODOS

Participantes

A amostra recolhida por conve-

niência foi constituída por 331 sujeitos da Universidade de Madeira, apresentando uma percentagem de respostas válidas de 93,4%. Dos respondentes, 83,2% eram alunos, 4,3% docentes e 12,5 % funcionários não docentes. Desta forma, embora todos os sujeitos pertencessem à mesma instituição, conseguimos ter uma amostra diversificada, em particular em termos de idade, ao integrarmos alunos, docentes e funcionários não docentes na amostra.

Numa caracterização descritiva da amostra verificou-se que 58,1% desta representa o sexo feminino e 41,9%, o sexo masculino. A idade mínima foi de 18 anos e a máxima de 61 anos de idade. A moda das idades foi 19 anos e a média 28 anos, com um valor de desvio-padrão de 9. Verificou-se ainda que 46,3% dos indivíduos tinha idades entre 17 e 24 anos e 53,7% idade superior a 25 anos de idade.

Instrumento

O instrumento utilizado foi a Escala estilos de pensar e criar, desenvolvida no Brasil (Wechsler, 2006). Este é constituído por 100 itens com respostas do tipo Likert de 1 a 6 pontos (1= Discordo Totalmente; 2= Discordo; 3= Discordo parcialmente; 4= Concordo parcialmente; 5= Concordo; 6= Concordo totalmente), na versão brasileira. As evidências de validade do instrumento pela análise fatorial indicaram a exis-

tência de cinco fatores que denominaram cinco estilos: Cauteloso-Reflexivo (32 itens), Inconformista-Transformador (32 itens), Lógico-Objetivo (11 itens), Emocional-Intuitivo (7 itens) e Relacional-Divergente (8 itens). Dez itens foram inseridos na escala para medir a desejabilidade social da resposta e não foram considerados nas análises. O índice de precisão da escala variou de 0,81 até 0,98 para os três primeiros estilos e de 0,51 a 0,58 para os dois últimos estilos. Por sua vez, a validade de critério destes estilos foi comprovada através de correlações significativas dos estilos com produção criativa reconhecida e total de indivíduos brasileiros. Também os cinco estilos discriminaram significativamente indivíduos criativos daqueles não criativos. Neste sentido, a amostra utilizada no estudo de validação brasileiro recaiu sobre 1752 indivíduos, tendo esta amostra permitido observar as evidências da validade de construto do instrumento. Uma segunda amostra, composta por 128 sujeitos, foi utilizada no sentido de investigar evidências de validade preditiva da escala, comparando a escala de estilos com a produção na vida real dos sujeitos.

Procedimento

A primeira fase englobou a realização de um pré-teste do instrumento com vista à observação da sua validade

de conteúdo ou semântica, visto o instrumento original estar escrito em português do Brasil, com algumas palavras não muito utilizadas em Portugal. Nesta fase foram sugeridas algumas modificações à escala com vista a uma melhor compreensão da mesma por parte dos respondentes, como por exemplo a mudança do item 13 “Sou uma pessoa questionadora e gosto de dar sugestões” para “Sou uma pessoa que gosta de questionar e dar sugestões”. Paralelamente foi realizado um pedido ao reitor da Universidade da Madeira, com o intuito de obter autorização para a divulgação da escala e respectivo preenchimento da mesma por parte da comunidade académica, entenda-se docentes, discentes e funcionários deste estabelecimento.

Após a obtenção da respectiva autorização a escala foi divulgada ao universo total da Universidade da Madeira e, recolhidos os dados, estes foram analisados através do programa estatístico SPSS 17.0. A fiabilidade foi investigada por meio do coeficiente alfa de Cronbach e a validade através da análise fatorial. As diferenças entre médias foram estudadas por meio da análise univariada da variância para as variáveis sexo e faixa etária.

RESULTADOS

A análise da precisão da escala de

100 itens revelou um valor de alfa de 0,72. Analisados os itens, individualmente, verificou-se que a retirada de alguns deles, permitia aumentar este valor de alfa, pelo que passo-a-passo foram retirados 47 itens. Apesar do valor do alfa de Cronbach apresentar-se, neste momento, acima dos 0,90, constatou-se correlações item-total da escala inferiores a 0,20, pelo que foram retirados mais 4 itens que apresentavam correlações abaixo deste valor.

Deste modo, a escala final ficou reduzida a 49 itens, com um alfa de 0,91 e correlações item – total da escala superiores a 0,20, valores considerados pela literatura como adequado para um processo de adaptação e validação de um instrumento de avaliação psicológica.

Com o propósito de verificar as evidências da estrutura interna do instrumento português foi utilizada a análise fatorial. Antes do início da análise fatorial exploratória, propriamente dita, analisou-se o valor do teste de Kaiser – Meyer – Olkin (KMO), dado crucial para o prosseguimento desta análise, cujo resultado foi de 0,88 o que permitiu prosseguir com a realização da mesma. Consequentemente realizou-se uma análise fatorial forçada, com carga fatorial superior a 0,3 e rotação varimax. Utilizada a correlação de Pearson, verificou-se que todos eles se correlacionam positiva e significativamente para $p < 0,01$.

A nomeação dos fatores teve em consideração o estudo original contudo também os itens que compõem esta nova versão. Deste modo, o Fator 1 foi apelidado de Inconformista-Transformador e apresenta um indivíduo dinâmico e entusiasta. O Fator 2 foi nomeado de Emocional-intuitivo, por se referir a um sujeito atento aos seus sentimentos, curioso e aberto à imaginação. O Fator 3 foi nomeado de Relacional-Divergente e aponta para uma pessoa capaz de ouvir o outro e aceitar outros pontos de vista, distintos do seu. Por último, o Fator 4 foi apelidado de Lógico-Objetivo, por abordar uma pessoa que é concentrada nos seus objetivos, perseverante e tem um gosto especial por tornar mais simples as suas ideias. Esta nomeação teve em atenção o facto da composição dos fatores desta nova versão não ser idêntica à constituição dos fatores do estudo original. Refira-se ainda a obtenção de um conjunto de itens que avaliam a desejabilidade social.

Posto isto, foi analisada a fiabilidade de cada fator, encontrada pelo alfa de Cronbach, apresentando-se os valores alcançados na Quadro 1, como também o número de itens que compõem cada um destes.

Quadro 1. Fiabilidade e número de itens que compõem os fatores

Fatores	Número de Itens		Valor do alfa de Cronbach	
	Versão	Versão	Versão	Versão
	brasileira	portuguesa	brasileira	portuguesa
Inconformista/transformador	32	11	0,884	0,83
Emocional/Intuitivo	7	15	0,532	0,85
Relacional/Divergente	8	9	0,518	0,69
Cauteloso/Reflexivo	32	---	0,968	-----
Lógico/Objetivo	11	7	0,816	0,59

Comparativamente aos resultados obtidos por Wechsler (2006) verifica-se, na versão portuguesa, a presença de quatro fatores, e observa-se a ausência do estilo Cauteloso-Reflexivo presente na versão brasileira. Por outro lado, a composição dos itens em ambas as versões é também distinta, apesar de alguns fatores manterem relativamente o mesmo número de itens, como é o caso do fator relacional/divergente e do fator lógico/objetivo (Quadro 1). O fator Inconformista/transformador manteve valores de alfa semelhantes em ambos os estudos. Por outro lado, o fator emocional/intuitivo revela um valor muito superior na versão portuguesa, tal como o fator relacional/divergente,

apesar das diferenças entre os estudos neste último não serem tão expressivas (Quadro 1). O resultado inverso ocorreu com o fator lógico/objetivo onde a versão portuguesa demonstrou um valor inferior relativamente ao estudo brasileiro (Quadro 1). Após a observação da fiabilidade e dimensionalidade da escala, observou-se as médias e os respetivos desvios-padrão para ambos os sexos (Quadros 2 e 3).

Quadro 2. Médias e desvios-padrão para o sexo feminino nos fatores de estilo

Fatores	Faixa Etária	Média	Desvio-padrão
Inconformista/ Transformador	17-24	39,67	5,37
	≥25	42,73	5,15
Emocional/ Intuitivo	17-24	57,95	5,68
	≥25	60,65	5,52
Relacional/ Divergente	17-24	37,17	2,92
	≥25	37,29	2,77
Lógico/ Objetivo	17-24	25,68	2,89
	≥25	26,51	3,48

Quadro 3. Médias e desvios-padrão para o sexo masculino nos fatores de estilo

Fatores	Faixa Etária	Média	Desvio-padrão
Inconformista/ Transformador	17-24	39,04	6,33
	≥25	43,46	4,75
Emocional/ Intuitivo	17-24	56,48	6,59
	≥25	61,79	5,06
Relacional/ Divergente	17-24	35,76	4,19
	≥25	37,84	3,13
Lógico/ Objetivo	17-24	26,34	2,61
	≥25	27,37	2,62

A observação das médias conclui que indivíduos, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, com mais de 25 anos de idade apresentam resultados mais elevados para todos os fatores de estilo, comparativamente aos

indivíduos com idades compreendidas entre os 17 e 24 anos de idade. Posto isto, realizou-se uma análise univariada da variância por sexo e faixa etária para cada fator encontrado, como constante na Quadro 4.

Quadro 4. Análise Univariada da Variância por sexo e faixa etária para cada fator de Estilo

Variáveis	Fatores	MS		F	
		Versão brasileira	Versão portuguesa	Versão brasileira	Versão portuguesa
Sexo	Inconformista/transformador	2575,834	0,217	12,219***	0,007
	Emocional/Intuitivo	232,382	2,191	12,107**	0,67
	Relacional/Divergente	0,942	14,389	0,037	1,384
	Cauteloso/Reflexivo	38441,682	-----	20,466***	-----
	Lógico/Objetivo	835,907	44,950	9,197**	5,033*
Faixa Etária	Inconformista/transformador	10039,070	1082,430	52,433***	37,203***
	Emocional/Intuitivo	493,201	1243,818	25,695***	38,119***
	Relacional/Divergente	119,603	93,037	3,322	8,946*
	Cauteloso/Reflexivo	25791,147	-----	13,681***	-----
	Lógico/Objetivo	1133,514	66,718	12,471***	7,470*
Sexo*Faixa etária	Inconformista/transformador	308,014	35,691	1,255	1,227
	Emocional/Intuitivo	0,573	131,942	0,030	4,044*
	Relacional/Divergente	93,077	74,126	4,314*	7,128*
	Cauteloso/Reflexivo	27065,091	-----	12,967***	-----
	Lógico/Objetivo	2066,618	0,799	22,737***	0,089

* $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,001$; *** $p \leq 0,000$

Verifica-se que, na variável sexo, apenas o fator lógico/objetivo apresenta um valor significativo, onde o sexo masculino revelou valores mais elevados. Por outro lado, a faixa etária revela diferenças para todos os fatores, sendo que as médias mais altas recaíram sobre os sujeitos com idade superior ou igual a 25 anos. A interação entre sexo e faixa etária revela valores significativos para os fatores Emocional/Intuitivo e Relacional/Divergente.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os resultados aqui alcançados revelam-nos que existe na escala de estilos de pensar e criar para a população portuguesa uma escala com valores satisfatórios de validade interna, o que nos leva a considerar que estamos perante um instrumento de avaliação psicológica com uma boa qualidade psicométrica. Contudo será importante, num futuro próximo, o desenvolvimento de novos estudos, com o intuito de confirmar a configuração e os valores aqui encontrados. Entende-se também como pertinente alargar a amostra a outras regiões do país, no sentido de validar esta escala a toda a população portuguesa, onde se inclui Portugal continental e os Açores.

Um outro aspecto importante dos dados aqui apresentados atende à correlação encontrada entre todos os fatores/estilos, o que nos leva a considerar que

estes podem coexistir num só indivíduo. Ou seja, que todos estes estilos são passíveis de existir em cada pessoa e, conseqüentemente, devemos interpretá-los numa óptica de áreas fortes e fracas. A elevada correlação entre todos os fatores, também nos suscita a hipótese de poder não ter muito sentido a distinção entre os diversos estilos de pensar e criar, podendo todos os itens convergir no sentido da avaliação da personalidade criativa. Futuras investigações poderão esclarecer este aspecto.

A observação dos valores de fiabilidade encontrados para cada fator levamos a considerar a existência de dois fatores/ estilos principais: o inconformista/transformador e o emocional/intuitivo, pois apresentam valores superiores de fiabilidade. O relacional/divergente e o lógico/objetivo apresentaram valores inferiores de alfa, como tal foram considerados como estilos secundários.

A análise da variável sexo revelou apenas diferenças significativas para o estilo lógico/objetivo, onde o género masculino destacou-se com valores superiores. Comparativamente, à versão brasileira, verificou-se que à exceção do estilo relacional/divergente, todos os restantes apresentam diferenças significativas. Contudo é de salientar que outras investigações demonstraram diferenças de género, onde as mulheres gerentes de empresas revelaram valores superiores para o estilo sensibilidade interna e externa (Mundim & Wechsler, 2007).

Noutro estudo, apenas a interação entre o género e área de estudo escolhida demonstrou diferenças no fator relacional/divergente, onde os homens revelaram valores superiores na área da Administração (Nakano, Santos, Zavarize, Wechsler & Martins, 2010).

No que concerne à variável classe etária encontrou-se diferenças significativas para todos os fatores de estilos, onde os indivíduos com idades mais altas foram aqueles com resultados mais elevados. E a interação entre sexo e faixa etária demonstrou diferenças para os estilos emocional/intuitivo e relacional/divergente. Diferenças nesta interação também foram observadas em outro estudo (Wechsler, 2009a) para os estilos relacional/divergente, cauteloso/reflexivo e lógico/objetivo.

Por outro lado, na observação das médias, verificou-se que os sujeitos com mais de 25 anos de idade apresentaram médias superiores para todos os fatores/estilos o que nos leva a colocar a hipótese de que experiências e vivências prévias, isto é, a chamada “experiência de vida”, poderá estar a influenciar a expressão dos estilos de pensar e criar dos indivíduos. Comparativamente ao estudo brasileiro original de validação do instrumento (Wechsler, 2006), nestes não se verificou esta tendência para indivíduos mais velhos apresentarem valores mais elevados para todos os estilos. Na verdade, para o género feminino esta tendência apenas verificou-se para o fa-

tor inconformista/transformador, contudo para o género masculino indivíduos com mais de 25 anos revelaram valores superiores para os fatores inconformista/transformador, lógico/objetivo e relacional/divergente (Wechsler, 2006).

De um modo geral, denota-se claramente que esta escala apresenta resultados que consideramos muito satisfatórios para a sua utilização na prática psicológica na cultura portuguesa. Contudo, como já mencionado, novos estudos confirmatórios são preponderantes nesta fase da investigação desta temática.

A investigação foi sujeita a algumas limitações. Destas realça-se o tamanho reduzido da amostra e a necessidade de em estudos subsequentes aumentá-la, em particular doutras instituições. O fato de termos utilizado uma amostra da mesma instituição, embora possa parecer uma limitação, constitui um aspeto positivo, pois pode permitir a comparação dos resultados obtidos nesta instituição com os obtidos em amostras doutras instituições no futuro.

Futuros estudos deverão também procurar estudar a relação entre a criatividade e outras variáveis, em particular a motivação (Jesus, Rus, Lens & Imaginário, 2013).

Ressalva-se ainda a relevância de realizar comparações com a produção criativa na vida real, como foi feito no estudo brasileiro a fim de verificar a sua validade com critérios externos de criatividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, E. M., & Fleith, D. S. (2003). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19, 1-8.
- Collins, M., & Amabile, T. (2009). Motivation and creativity. Em R. Sternberg (Ed.), *Handbook of creativity* (pp.297-312). Cambridge: Cambridge University Press.
- Cramond, B. (2008). Creativity: An international imperative for society and the individual. Em M. F. Morais & S. Bahia (Eds.), *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção* (pp.13-40). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Dunn, R., Dunn, K., & Price, G. (1984). *Learning style inventory*. Lawrence: Price Systems.
- Elisondo, R., Donolo, D., & Berná, F. (2009). Evaluación de la creatividad. Relaciones con inteligencia y personalidad? *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 28 (2), 67-79.
- Fleith, D. S., Almeida, L. S., Alencar, E. S. & Miranda, L. (2010). Educação do aluno sobredotado no Brasil e em Portugal: uma análise comparativa. *Revista Lusófona de Educação*, 16, 75-88.
- Garcia, A. (2007). Evaluación de diferentes estilos de vínculos de pareja. Diferencias entre residentes (México DF) y migrantes (EEUU). *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 24 (2), 59-76.
- Hayslip, B. (1994). Cognitive learning styles. Em R. J. Corsini (Ed.), *Encyclopedia of psychology* (pp. 90-110). New York: Wiley and Sons.
- Jesus, S. N., Rus, C., Lens, W., & Imaginário, S. (2013). Creativity and intrinsic motivation: a meta-analysis of the studies between 1990-2010. *Creativity Research Journal*, 25 (1), 80-84.
- Messik, S. (1984). The nature of cognitive styles: problems and promises in educational practice. *Educational Psychologist*, 19, 59-74.
- Millon, T. (1994). *Millon index of personality styles*. San Antonio: Psychological Corporation.
- Mundin, C., & Wechsler, S. M. (2007). Estilos de pensar e criar em gerentes e subordinados. *Boletim de Psicologia*, 57, 15-32.
- Nakano, C., T., Santos, E., Zavarize, S. F., Wechsler, S. M., & Martins, E. (2010). Estilos de pensar e criar em estudantes universitários das áreas humanas e sociais aplicadas: diferenças de gênero e curso. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 12(3), 120-134.
- Prieto, M. F. (2006). *Creatividad e inteligencia emocional: un estudio empírico en alumnos con altas habilidades* (Dissertação de Doutorado não publicada)

da). Universidade de Murcia, Murcia.

Romo, M. (2008). Creatividade en los domínios artístico y científico y sus correlatos educativos. Em M. F. Morais & S. Bahia (Eds), *Criatividade: conceito, necessidades e intervenção* (pp.65-90). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Runco, M. A. (2004). Creativity. *Annual Review of Psychology*, 55, 657-687.

Siqueira, L. G. G., & Wechsler, S. M. (2009). Motivação para aprendizagem escolar e estilos criativos. *Educação Temática Digital*, 10, 124-146.

Sternberg, R. (2006). The nature of creativity. *Creativity Research Journal*, 18(1), 87-98.

Wechsler, S. M. (2006). *Estilos de pensar e criar*. Campinas: LAMP/PUC.

Wechsler, S. M. (2007). Estilos de pensar e criar: impacto nas áreas educacional e profissional. *Psicodebate*, 7, 207-218.

Wechsler, S. M. (2008). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: LAMP/IDB.

Wechsler, S. M. (2009a). Age and gender impact on thinking and creating styles. *European Journal of Psychology and Education*, 2 (1), 37-48.

Wechsler, S. M. (2009b). Estilos de pensar e criar: implicações para a liderança. Em Z. G. Giglio, S. M. Wechsler & D. Bragotto (Eds.), *Da criatividade à inovação* (pp. 39-60). São Paulo: Editora Papirus.

Wechsler, S. M., & Nakano, T. C. (2002). Caminhos para a avaliação da criatividade: perspectiva brasileira. Em R. Primi (Ed.), *Temas em avaliação psicológica* (pp. 103-115). Campinas: Impressão Digital do Brasil.

Witkins, H. A. (1964). Origins of cognitive styles. Em C. Sheerer (Ed.), *Cognition: theory, research and promises* (pp. 134-162). New York: International University Press.